

**ANALISANDO QUESTÕES DE LÍNGUA PORTUGUESA
DO ENADE: ABORDAGEM FUNCIONALISTA EM DESTAQUE**

Hywyna Lara Pires Franco (UNIFSJ)

hywynalara.2009@hotmail.com

Luiza Guimarães Lanes (UNIFSJ)

luiza.lanes@yahoo.com.br

Mayara Xavier Vito Pezarino (UNIFSJ)

mayarapezarino@gmail.com

Joane Marieli Pereira Caetano (UENF)

joaneiff@gmail.com

RESUMO

Este trabalho tem como temática a abordagem linguística do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE), que avalia a qualidade dos cursos de formação superior. Neste contexto, surge a seguinte questão norteadora: o ENADE tem seguido, na parte de Conhecimentos Específicos destinados aos licenciandos em Letras Portuguesas, um viés condizente com as concepções contemporâneas de ensino de Línguas? Para tanto, objetiva-se explicitar qual a perspectiva linguística predominante na avaliação em pauta, por meio de uma análise das questões dessa área. Mais especificamente, o estudo, além de apresentar o que é o funcionalismo, tem como objetivos, contextualizar métodos de avaliação com o ENADE e analisar possíveis tendências funcionalistas da linguagem aplicadas a este exame. Metodologicamente, inicia-se a pesquisa com o uso da bibliografia composta por Antunes (2007), Cunha, Costa e Cezario (2015), Martelotta e Kenedy (2015); em seguida, utiliza-se a análise documental acerca das questões específicas do ENADE aplicado em 2017 para o Curso de Letras Portuguesas – Licenciatura.

Palavras-chave:

ENADE. Ensino. Funcionalismo.

ABSTRACT

This work has as its theme the linguistic approach of the National Student Performance Exam (ENADE), which evaluates the quality of higher education courses. In this context, the following guiding question arises: ENADE has followed, in the Specific Knowledge for Letters Portuguese graduates, a bias consistent with contemporary conceptions of language teaching? Therefore, the objective is to clarify which is the predominant linguistic perspective in the evaluation in question, through an analysis of the questions of this area. More specifically, the study, besides presenting what functionalism is, aims to contextualize evaluation methods with ENADE and to analyze possible functionalist tendencies of language applied to this exam. Methodologically, the research begins with the use of bibliography composed by Antunes (2007), Cunha, Costa and Cezario (2015), Martelotta and Kenedy (2015); then, we use the documentary analysis about the specific questions of ENADE applied in 2017 for the Course of Letters Portuguese – Degree.

1. Introdução

O Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE) tem o objetivo de avaliar o rendimento dos universitários brasileiros perante os conteúdos aprendidos nas instituições de educação superior, ou seja, esta avaliação analisa a qualidade do ensino das universidades. Interessa destacar que esse exame é realizado apenas pelos graduandos que estão no primeiro e no último ano dos cursos de graduação.

Partindo da ideia de que é importante tratar a língua portuguesa de acordo com uma abordagem funcionalista, este trabalho, por meio da análise de questões da parte de Conhecimentos Específicos destinadas aos licenciandos em Letras Portugêses, objetiva explicitar qual a perspectiva linguística predominante na avaliação em pauta.

A fim de atingir esse objetivo, cogita-se, especificamente, na primeira seção, por meio da revisão bibliográfica, apresentar o que é o funcionalismo. Em seguida, na segunda seção, pretende-se contextualizar métodos de avaliação com o ENADE. Nesta etapa, utilizou-se um respaldo teórico composto por Antunes (2007), Cunha, Costa e Cezario (2015) e Martelotta e Kenedy (2015). Por fim, na última seção, recorre-se à análise documental de possíveis tendências funcionalistas da linguagem presentes no referido exame. A título de organização, essa parte é dividida em três subseções, para que em cada uma delas seja analisado um tipo de questão: na primeira, serão investigadas as questões formalistas; na segunda, as questões de transição entre o formalismo-funcionalismo e; na terceira, as questões funcionalistas.

Sendo assim, estima-se que existirá uma abordagem funcionalista nas questões do ENADE, por tratar-se de uma prova que mede a qualidade dos cursos de graduação. Portanto, a partir de um estudo qualitativo, segue a indagação desta problemática.

2. Funcionalismo: Por que esta abordagem linguística é significativa?

O ensino de línguas se dá por meio de duas perspectivas linguísticas, que são a formalista e a funcionalista. Na primeira, há uma forte pre-

sença da Gramática Tradicional, que compactua com práticas mecanicistas, que influenciam a ação docente. Assim, “o chamado polo formalista caracteriza-se, em termos gerais, pela tendência de analisar a língua como um objeto autônomo, cuja estrutura independe de seu uso em situações comunicativas reais”. (MARTELOTTA; KENEDY, 2015, p. 13). Já a segunda defende o uso da língua em seus vários contextos comunicativos, abrindo espaço para todas as variedades linguísticas, de modo que nenhuma variação linguística se sobressaia à outra; por isso, este trabalho dará ênfase à abordagem funcionalista.

O funcionalismo entende a língua como um objeto de interação social, ou seja, que não pode ser analisada de maneira isolada, mas como uma estrutura flexível, que pode atuar em qualquer ambiente comunicativo, conforme reiteram Martelotta e Kenedy (2015):

O polo funcionalista caracteriza-se por conceber a língua como um instrumento de comunicação que não pode ser analisado como um objeto autônomo, mas como uma estrutura maleável, sujeita a pressões oriundas das diferentes situações comunicativas, que ajudam a determinar sua estrutura gramatical. (MARTELOTTA; KENEDY, 2015, p. 14)

Nos Estados Unidos, a corrente linguística em foco se consolidou a partir de 1970, sendo utilizada por alguns linguistas, como Sandra Thompson, Paul Hopper e Talmy Givón, pois estes defendiam uma linguística mais usual, pautada na crença de que a língua muda, em consonância com o seu contexto de uso, ou seja, de acordo com o ambiente em que o falante está inserido.

É importante ressaltar que o funcionalismo linguístico contemporâneo distancia-se das concepções formalistas, pois ele entende a linguagem como uma ferramenta de comunicação social e, nesse cenário, além da estrutura gramatical, os fatores externos que influenciam na mudança da língua também devem ser considerados. Cunha, Costa e Cezario (2015, p. 21) corroboram essa afirmação, ao pontuarem que “A abordagem funcionalista procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso”.

Desse modo, partindo da premissa de que o ENADE é aplicado para medir a qualidade dos cursos universitários e de que as questões analisadas serão as específicas de língua portuguesa, deve-se considerar que a abordagem funcionalista seja a mais adequada nesse contexto, pois segundo Antunes (2007) o ensino de língua deve:

[...] explorar aspectos do vocabulário, do léxico da língua, das suas inter-relações no texto; de sua vinculação com as visões que se tem da realidade e do como o entendimento de qualquer texto só é possível porque mobilizamos, junto com o conhecimento linguístico, o nosso conhecimento de mundo. (ANTUNES, 2007, p. 130)

Torna-se relevante, portanto, que no processo de ensino-aprendizagem haja uma contextualização dos conteúdos com a realidade do aluno, de modo que este seja capaz de refletir sobre o mundo a sua volta, tendo, assim, uma educação significativa. Diante disso, pode-se dizer que o funcionalismo linguístico é fundamental para um ensino de qualidade, pois ele rompe com as noções tradicionais da gramática normativa.

3. ENADE e outros métodos de avaliação: breve contextualização

O ENADE é um dos métodos de avaliação do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes), preparado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), que avalia os âmbitos acadêmicos a cada 3 anos. É nítida a sua influência para o ensino superior, já que o exame em destaque não visa somente avaliar o ensino oferecido pelas IES (Instituições da Educação Superior), mas também aprimorá-lo e enriquecê-lo. Os resultados dessa avaliação são devolvidos para as universidades como relatórios, a fim de norteá-las sobre a vantagem de executar mudanças para os benefícios do corpo docente e do ambiente físico. Dessa forma, a finalidade desta prova é priorizar o desenvolvimento do ensino no Brasil.

O ENADE é uma avaliação interdisciplinar e contextualizada que demonstra se o estudante adquiriu as habilidades propostas por cada curso para o exercício da profissão escolhida. Sendo assim, tem como objetivo transparecer para o universitário que, além da informação, ele possui a grande capacidade de raciocínio e síntese, fator o qual está regulamentado pela Portaria nº 2.051/2004, que trata dos procedimentos de avaliação do Sinaes, afirmando em seu artigo 23 que:

A avaliação do desempenho dos estudantes, que integra o sistema de avaliação de cursos e instituições, tem por objetivo acompanhar o processo de aprendizagem e o desempenho dos estudantes em relação aos conteúdos programáticos previstos nas diretrizes curriculares do respectivo curso de graduação, suas habilidades para ajustamento às exigências decorrentes da evolução do conhecimento e suas competências para compreender temas ligados à realidade brasileira e mundial e a outras áreas do conhecimento. (BRASIL, 2004b)

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Neste contexto, é importante frisar que o ENADE é um exame de análise do desempenho dos estudantes, avaliando, dessa maneira, a trajetória do acadêmico e atendendo aos aspectos da objetividade da formação geral dos diferentes cursos como um conjunto de elementos que compõem o Sinaes.

No entanto, nem sempre o ENADE foi o instrumento de avaliação do Ensino Superior, tendo em vista que este exame substituiu o Exame Nacional de Cursos (ENC), popularmente conhecido como Provão, que nasceu em um ambiente globalizado e neoliberal. Ambos têm como objetivo determinar se os alunos aprenderam as habilidades e competências que seus cursos requerem por meio de testes padronizados para dar nota e classificar os cursos avaliados. Uma das diferenças entre essas duas provas está na aplicação, ou seja, o ENADE aplica a mesma avaliação para ingressantes e concluintes da educação superior, já o ENC era aplicado somente para os estudantes que estavam no último ano da graduação. Outra característica distinta é que o Provão avaliava somente os conhecimentos específicos profissionais, enquanto o ENADE avalia também os conhecimentos gerais.

Outro método de avaliação realizado pelo Inep é o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), criado em 1998 para avaliar o Ensino Médio, já que o ENC sofreu críticas por ter sido criado antes mesmo de existir uma prova que avaliasse o último ano da educação básica. O ENEM tem como propósito ajudar os alunos a ingressarem na faculdade por meio do Sistema de Seleção Unificada (SISU), enquanto o ENADE é feito por pessoas que já frequentam o ambiente universitário. Um contraponto observado foi que a primeira avaliação tem 180 questões, aplicadas em dois dias de prova, tendo a correção feita pela Teoria de Resposta ao Item (TRI) e a segunda, por outro lado, é composta por 40 questões, contendo perguntas objetivas e discursivas, sendo 10 questões de formação geral, que equivalem a 25% da nota da prova, e 30 da parte de conhecimento específico da área, que tem peso de 75% na nota.

Portanto, o aspecto semelhante entre os exames citados é o fato de analisarem o desenvolvimento do discente em consonância com as instituições educacionais, de modo que seja calculada a qualidade do ensino oferecido para indicar melhorias no processo de ensino–aprendizagem.

4. Análise das questões objetivas de língua portuguesa do ENADE (2017)

Com a intenção de analisar satisfatoriamente as questões específicas do ENADE, foram selecionadas as perguntas da área linguística. Desse modo, para compor o *corpus* de análise das questões de Língua Portuguesa, foram utilizadas 9 questões do ENADE 2017, aplicadas ao Curso de Letras/Português-Licenciatura para afirmar qual abordagem linguística prevaleceu. Elas serão divididas em três subseções, sendo elas: formalistas, transição formalismo-funcionalismo e funcionalistas.

Vale lembrar que as questões serão analisadas como um todo, incluindo não só as perguntas em si, como também os textos-base, pois segundo Antunes (2007, p. 128): “[...] não basta que as palavras questionadas sejam retiradas de um texto para que se tenha uma análise de texto”. Ou seja, a autora afirma que um texto não pode ser analisado isoladamente, sem a presença de um contexto que possibilite o entendimento do seu sentido completo.

a. Questões formalistas



Disponível em: <<https://descomplica.com.br/>>. Acesso em: 28 set. 2017 (adaptado).

O texto exemplifica a variedade linguística

- A diatópica (geográfica).
- B diacrônica (de tempo).
- C diafásica (formal/informal).
- D diamésica (modalidade oral/escrita).
- E diastrática (camada social/profissional).

Figura 1: Questão 10.

Fonte: INEP 2017.

Por mais que a questão acima envolva um conteúdo funcional, que é a variedade linguística, ela não aborda isso com o objetivo de ver a

criticidade do aluno, apenas quer saber se ele identifica um elemento específico por meio da “mecanização”. Por isso, há traços formalistas nessa questão, que, por sua vez, são reforçados pelo significado vocabular que acompanha as opções de resposta. Dessa maneira, não é oferecida ao educando, por exemplo, a oportunidade de refletir sobre a etimologia da palavra *diacrônica*, derivada do grego “chronos”, que significa tempo.

Além disso, antes de ler o texto-base e o enunciado, é possível considerar que a variedade linguística em pauta seja “de tempo” pelo fato da imagem retratar um jovem e um idoso, o que reduz a potencialidade do texto e facilita a identificação do gabarito (letra B). Por fim, o fato de essa questão não apresentar duas alternativas próximas é outro critério que reforça a sua fragilidade metodológica, uma vez que esse mecanismo é muito utilizado para gerar dúvida e, dessa forma, conferir mais dificuldade à pergunta.

QUESTÃO 13

TEXTO 1

Ao discutir os aspectos da diacronia e da sincronia na língua, Saussure apresenta-os como duas perspectivas distintas, ou seja, caracteriza-os de forma dicotômica. Segundo o autor, diacrônico relaciona-se ao que tem duração no tempo e é dinâmico; e sincrônico, ao que é momentâneo e estático. Jakobson, por sua vez, mapeia quatro combinações possíveis entre essas dicotomias: a) fatos sincrônicos e estáticos; b) fatos sincrônicos e dinâmicos; c) fatos diacrônicos e estáticos; d) fatos diacrônicos e dinâmicos.

CHAGAS, P. A mudança linguística. In: FIORIN, J. L. (Org.). *Introdução à linguística*. São Paulo: Contexto, 2003 (adaptado).

TEXTO 2

Os morfemas classificatórios têm como função enquadrar os vocábulos nas classes dos nomes e dos verbos. São as vogais temáticas nominais (-a, -e, -o) e verbais (-a, -e, -i). Nos nomes terr-a, pent-e e livr-o, são as vogais tônicas finais que classificam essas formas na classe dos nomes. Já as formas verbais cant-a-r, vend-e-r e part-i-r têm como elemento caracterizador da conjugação as vogais -a, -e, -i. As formas linguísticas desprovidas desse elemento mórfico são chamadas de atemáticas. No caso dos nomes, são atemáticos os terminados por consoante (mar, fóssil, revólver) ou por vogal tônica (café, café, cipó). São exemplos de formas verbais atemáticas a primeira pessoa do presente indicativo (canto, vendo e parto), todas as pessoas do presente do subjuntivo (cante, cantes, cante, cantemos, canteis, cantem) entre outras formas.

RIBEIRO, M. G. C. *Morfologia da língua portuguesa*. Disponível em: <<http://biblioteca.virtual.ufpb.br>>. Acesso em: 15 jul. 2017 (adaptado).

TEXTO 3



Disponível em: <<http://idimagens.com>>. Acesso em: 15 jul. 2017.

A partir dos textos apresentados, avalie as afirmações a seguir:

- I. A substituição atual e gradativa do uso do pronome pessoal de primeira pessoa do plural “nós” pela expressão “a gente” exemplifica o que Jakobson denomina fato sincrônico e dinâmico.
- II. A perspectiva saussureana filia-se a um trabalho linguístico de ordem diacrônica, ou seja, descreve a língua por meio da observação dos aspectos históricos de variação e mudança.
- III. Um exemplo de fato diacrônico e estático é a existência permanente de três conjugações verbais no português.

É correto o que se afirma em

- A) I, apenas.
- B) II, apenas.
- C) I e III, apenas.
- D) II e III, apenas.
- E) I, II e III.

Figura 2: Questão 13.
Fonte: INEP 2017.

Ainda que a afirmação I esteja relacionada com os textos 1 e 3 e a afirmativa III dialogue com os textos 1 e 2, os textos-base dessa questão

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

não são imprescindíveis para que o universitário consiga identificar quais as informações estão corretas, pois só de fazer a leitura das afirmações, ele já consegue apreender que a letra C é a certa. Então, a questão apresenta uma perspectiva formalista, ou seja, ela se encaixa na abordagem conteudista, em que se acredita que o aluno só pode ser crítico se tiver uma base sólida de informação, por isso, o texto foi utilizado como pre-texto.

QUESTÃO 22

A luz da nossa língua

O incêndio que atingiu o Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, não provocou piores danos – excetuando a perda, sempre irreparável, de uma vida humana – pela simples razão de aquilo que nele se mostrava ser resistente ao fogo. A língua portuguesa é patrimônio imaterial. Não há incêndio capaz de a devorar, a não ser o da ignorância.

Compreender como se formou e afirmou a língua que falamos, conhecer as diferentes variantes do português, ajuda-nos a perceber melhor a história do mundo e – acredito – pode tornar-nos um pouco mais abertos ao outro. O pensamento xenófobo e racista que volta e meia aflora, como uma doença repugnante, em certas franjas das sociedades brasileira e portuguesa, é, em larga medida, uma expressão da ignorância da história da língua que nos deu origem.

Acredito que existe hoje um maior conhecimento mútuo das diferentes variantes da língua portuguesa, desde logo porque as novas tecnologias tendem a derrubar fronteiras. Persiste, mesmo assim, muita ignorância. Recordo certa ocasião, há alguns anos, quando, em viagem pelo interior de Pernambuco, parei junto a um pequeno bar para pedir informações. O rapaz que me recebeu não compreendeu o meu sotaque. Repeti à mesma questão uma e outra vez, sem qualquer sucesso. Tentei de novo, mas dessa vez com o meu melhor sotaque pernambucano. O rosto do rapaz iluminou-se: “Moço, se você fala português, por que estava falando comigo em estrangeiro?”.

Numa outra ocasião, no Rio, um taxista, estranhando o meu sotaque, quis saber de onde eu vinha. “Angola?! E em que estado fica isso?” Quando lhe expliquei que Angola é um país, na costa ocidental de África, fez questão de me parabenizar pela qualidade do meu português. Disse-lhe que em Angola também falamos português: “Jura?!” — retorquiu. — “Pensei que só no Brasil se falasse português”.

Se nós criamos as línguas, as línguas também nos criam a nós. Não é a mesma coisa crescer falando português, tupi ou swahili. Um dos meus sobrinhos, Samuel, nasceu e cresceu em Luxemburgo, filho de pai luxemburguês. Aprendeu a falar português com a mãe e luxemburguês e alemão com o pai. Como os pais falavam um com o outro em francês, domina também essa língua desde o berço. Sempre que muda do português para o alemão, e deste para o francês ou o luxemburguês, há alguma coisa em Samuel, um sutil aspeto da personalidade, que parece se alterar também. É como se coexistissem dentro dele várias pessoas, cada uma se exprimindo num idioma diferente.

Em Cabo Verde, o bilinguismo é uma situação vulgar. As pessoas falam naturalmente duas línguas maternas, o português e o crioulo. Fascina-me a forma como os cabo-verdianos cultos trocam de língua, enquanto conversam, dependendo do tema e do interlocutor. Ao mudarem do crioulo para o português, verifica-se também uma ligeira mudança de personalidade. Um cabo-verdiano ao falar português torna-se um tudo nada mais formal. Não por acaso, a esmagadora maioria da riquíssima música cabo-verdiana usa o crioulo, ao passo que a língua portuguesa reina quase isolada na literatura.

AGUALUSA, J. E. A luz da nossa língua. In: *O Globo*, 28 dez. 2015 (adaptado).

Das passagens a seguir, retiradas do texto aquela cujo conteúdo é apropriado para exemplificar a definição de língua como forma (“lugar”) de interação é

- A “A língua portuguesa é patrimônio imaterial. Não há incêndio capaz de a devorar, a não ser o da ignorância.” (1º parágrafo)
- B “...conhecer as diferentes variantes do português [...] – acredito – pode tornar-nos um pouco mais abertos ao outro.” (2º parágrafo)
- C “O pensamento xenófobo e racista que volta e meia aflora (...) é, em larga medida, uma expressão da ignorância da história da língua que nos deu origem.” (2º parágrafo)
- D “Se nós criamos as línguas, as línguas também nos criam.” (5º parágrafo)
- E “Em Cabo Verde, o bilinguismo é uma situação vulgar.” (6º parágrafo)

Figura 3: Questão 22.

Fonte: INEP 2017.

Segundo o gabarito oficial, a questão 22 tem como alternativa correta a letra B, sendo assim, o texto-base torna-se desnecessário, pois o graduando só precisa saber o significado de “interação”, que no caso sig-

nifica comunicação entre pessoas. Logo, não é necessário refletir sobre o texto para responder a essa pergunta, sendo ele utilizado como um pretexto – manobra própria do formalismo, que não considera o senso crítico do estudante.

b. Questões transição formalismo-funcionalismo

QUESTÃO 09

A noção de nível para Émile Benveniste revela-se fundamental para os procedimentos de análise linguística, pois, segundo o autor, só o nível pode dar conta “da natureza articulada da linguagem”.

Tendo por base a noção de níveis de análise linguística e considerando a arquitetura sintática que compõe o enunciado “Os alunos assistiram ao acidente na calçada”, avalie as afirmações a seguir.

- I. A ambiguidade presente na estrutura sintática do enunciado deve-se ao fato de ser possível interpretar o enunciado de duas formas: 1. o acidente ocorreu na calçada e os alunos assistiram a ele de outro local; e 2. os alunos estavam na calçada e assistiram ao acidente que ocorria em outro lugar.
- II. Tratando-se da linguagem coloquial, ao se suprimir a preposição que rege o complemento do verbo “assistir” (originalmente, com a acepção de presenciar, ver), muda-se o nível sintático do enunciado, mas não se altera a semântica projetada pela língua.
- III. Assim como em “João pediu a José para sair”, ocorre, no enunciado em questão, ambiguidade no nível lexical, já que a significação emerge das possibilidades interpretativas que os elementos léxicos implicam.
- IV. Conforme a tradição gramatical, a regência do verbo “assistir” (acepção de presenciar, ver) é a mesma do verbo “aspirar” (acepção de desejar); ambos admitem, também, o emprego transitivo direto, havendo alteração no nível sintático em função da semântica projetada pela língua.

É correto apenas o que se afirma em

- A** I e III.
- B** II e III.
- C** II e IV.
- D** I, II e IV.
- E** I, III e IV.

Figura 4: Questão 09.

Fonte: INEP 2017.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Em partes, pode-se considerar que a questão acima represente a perspectiva funcionalista, pois, além de voltar algumas vezes ao texto-base, o acadêmico terá que lembrar os níveis de análise linguística para fazer uma associação com o enunciado até concluir que alternativa correta é a letra D, porém, ainda assim, há fragmentos da abordagem formalista por ser uma pergunta com um conteúdo muito gramatical. Portanto, a questão em foco apresenta uma abordagem metodológica funcionalista e o conteúdo formalista.

QUESTÃO 18

Variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística.

TARALLO, F. *A Pesquisa Sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1986 (adaptado).

Assinale a opção que apresenta dois pares legítimos de variação linguística.

- A m[u]rcego - m[o]rcego [p]ata - [l]ata
- B [b]ote - [p]ote d[ɨ]dal - d[ɛ]dal
- C f[ɨ]liz - f[ɛ]liz p[u]mada - p[o]mada
- D [d]oca - [t]oca le[ɨ]e - le[ɨ]e
- E [t]ime - [tʃ]ime [d]ata - [m]ata

Figura 5: Questão 18.

Fonte: INEP 2017.

Nessa questão, o texto-base não tem tanta relevância, pois se o graduando já possui um conhecimento prévio do conceito de variação linguística, ele consegue compreender que este fenômeno ocorreu na alternativa C, e por isso, ela é a resposta correta. Desse modo, pode-se observar resquícios de uma abordagem metodológica formalista na questão em foco devido ao uso do enunciado como pretexto, porém, por outro lado, foi cobrado um conteúdo funcional, que é a variação linguística. Afinal, a ideia de que a língua varia se distancia da perspectiva tradicional e se aproxima da funcionalista, porque trata a linguagem de um ponto de vista crítico e contextualizado, que valoriza diferentes falares.

c. Questões funcionalistas

QUESTÃO 17

TEXTO 1



Pechada

[...] — Ai, Gaúcho! — Fala, Gaúcho! Perguntaram para a professora por que o Gaúcho falava diferente. A professora explicou que cada região tinha seu idioma, mas que as diferenças não eram tão grandes assim. Afinal, todos falavam português. Variava a pronúncia, mas a língua era uma só. E os alunos não achavam formidável que num país do tamanho do Brasil todos falassem a mesma língua, só com pequenas variações? [...] O Jorge fez cara de quem não se entregava. Um dia o Gaúcho chegou tarde na aula e explicou para a professora o que acontecera. — O pai atravessou a sinaleira e pechou. — O quê?

— O pai. Atravessou a sinaleira e pechou. [...]

— Gaúcho... Quer dizer, Rodrigo: explique para a classe o que aconteceu.

— Nós vinha...

— Nós vínhamos.

— Nós vínhamos de auto, o pai não viu a sinaleira fechada, passou no vermelho e deu uma pechada noutro auto.

A professora varreu a classe com seu sorriso. Estava claro o que acontecera? Ao mesmo tempo, procurava uma tradução para o relato do gaúcho. Não podia admitir que não o entendera. Não com o Jorge rindo daquele jeito. "Sinaleira", obviamente, era sinal, semáforo. "Auto" era automóvel, carro. Mas "pechar" o que era? Bater, claro. Mas de onde viera aquela estranha palavra? Só muitos dias depois a professora descobriu que "pechar" vinha do espanhol e queria dizer bater com o peito, e até lá teve que se esforçar para convencer o Jorge de que era mesmo brasileiro o que falava o novato. Que já ganhara outro apelido: Pechada.

— Ai, Pechada! — Fala, Pechada!

VERISSIMO, L. Pechada. *Revista Nova Escola*, maio, 2014. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/>>. Acesso em: 9 jul. 2017 (adaptado).

TEXTO 2

Todos sabem que existe um grande número de variedades linguísticas, mas, ao mesmo tempo em que se reconhece a variação linguística como um fato, observa-se que a nossa sociedade tem uma longa tradição em considerar a variação numa escala valorativa, às vezes até moral, que leva a tachar os usos característicos de cada variedade como certo ou errado, aceitáveis ou inaceitáveis, pitorescos, cômicos etc.

TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática*. São Paulo: Cortez Editora, 2009 (adaptado).

Considerando a imagem apresentada, os sentidos estabelecidos pelo texto 1 e a reflexão provocada pelo texto 2, conclui-se que a professora

- Ⓐ identifica "pechada" como um caso de estrangeirismo na fala de seu aluno, incorporado à língua portuguesa como empréstimo aceitável da língua espanhola.
- Ⓑ identifica o fenômeno de variação diafásica em nível lexical, ao compreender o contexto de uso dos vocábulos "sinaleira" e "auto".
- Ⓒ ignora a possibilidade de discutir o tema do preconceito linguístico com relação ao uso de variedades linguísticas diatópicas.
- Ⓓ evita, ao abordar as variedades linguísticas do português brasileiro, que o estudante Rodrigo sofra preconceito linguístico.
- Ⓔ explica os diferentes modos de falar de seus alunos conforme a ocorrência de variações morfológicas e sintáticas na fala de Rodrigo.

Figura 6: Questão 17.

Fonte: INEP 2017.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Para responder a essa questão, o universitário precisará fazer a leitura dos textos- base, ou seja, além de ter que relacionar os dois textos, ele terá que refletir sobre eles para entender que a resposta correta é a letra C. Sendo assim, essa pergunta atende aos princípios da Linguística Funcional, pois não cobra exclusivamente aspectos tradicionais, é uma interpretação que mexe com o senso crítico do estudante, fazendo com que ele tenha uma percepção crítica diante do fato de preconceito linguístico.

QUESTÃO 26



Disponível em: <<https://cardapiopedagogico.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 7 jul. 2017 (adaptado).

Considerando a transposição do cartum acima para uma situação de ensino e aprendizagem de língua portuguesa, avalie as afirmações a seguir.

- I. A concepção de linguagem que a professora revela em sua prática desvincula a língua de seu funcionamento social e histórico.
- II. O ensino de língua portuguesa concebido como o ensino do “português correto” toma a língua como um sistema de regras autônomas, privilegiando uma análise interna do objeto.
- III. A situação de comunicação apresentada no cartum evidencia a concepção de língua como atividade sociointerativa situada e fonte geradora de aprendizagem.
- IV. A valorização do conhecimento linguístico de que o aluno dispõe ao chegar à escola sustenta a noção de língua como sistema de práticas linguísticas não fechadas e em permanente constituição.

É correto apenas o que se afirma em

- A I e II.
- B II e III.
- C III e IV.
- D I, II e IV.
- E I, III e IV.

Figura 7: Questão 26.

Fonte: INEP 2017.

Essa questão cria uma reflexão sobre o ensino de língua, fazendo com que o educando reflita sobre a variação linguística diatópica, ou seja, regional, que pode ser alvo de preconceito linguístico por parte de pessoas que acreditam no mito de que saber língua portuguesa significa empregar a norma culta desse idioma. Por isso, a questão em foco apresenta uma abordagem funcionalista, na medida em que provoca o raciocínio do aluno perante a variação linguística, ou seja, o estudante precisa ler o cartum e as afirmações para concluir que a resposta correta é a letra D.

QUESTÃO 28

Nas sociedades contemporâneas, textos não são apenas verbais. Há uma variedade de composição de textos que articulam o verbal, o visual, o gestual, o sonoro – o que se denomina multimodalidade de linguagens. Assim, o ensino da Língua Portuguesa deve considerar o texto em suas muitas modalidades: as variedades de textos que se apresentam na imprensa, na TV, nos meios digitais, na publicidade, em livros didáticos e, conseqüentemente, também os vários suportes em que esses textos se apresentam.

Disponível em: <<http://mec.gov.br>>.
Acesso em: 12 Jul. 2017 (adaptado).

Considerando a concepção de texto apresentada no excerto, avalie as asserções a seguir e a relação proposta entre elas.

- I. O ensino que foque no desenvolvimento de novas habilidades linguísticas, aumentando os recursos que o usuário da língua já possui, é mais adequado do que uma abordagem prescritiva do ensino da língua, mesmo que, em situações práticas, tais concepções não sejam excludentes.

PORQUE

- II. O ensino de língua portuguesa embasado no texto como centro de referência permite que se entenda a língua em um processo interlocutivo, por meio do qual a significação é ativada, ao passo que a tarefa de estudar o texto implica desvendar as potencialidades da língua em situações de interação.

A respeito dessas asserções, assinale a opção correta.

- A As asserções I e II são proposições verdadeiras, e a II é uma justificativa correta da I.
- B As asserções I e II são proposições verdadeiras, mas a II não é uma justificativa correta da I.
- C A asserção I é uma proposição verdadeira, e a II é uma proposição falsa.
- D A asserção I é uma proposição falsa, e a II é uma proposição verdadeira.
- E As asserções I e II são proposições falsas.

Figura 8: Questão 28.

Fonte: INEP 2017.

A alternativa que contém a resposta certa é a letra B. Essa questão é de cunho funcionalista, pois, além de ter que ler o texto-base, o graduando terá que identificar se as asserções I e II estão corretas, para depois dizer se elas possuem alguma relação, o que fará com que ele coloque em prática a sua interpretação e seu senso crítico. Somado a isso, o olhar crítico para o ensino da Língua Portuguesa, defendido no texto-base e nas assertivas, fomenta o caráter funcionalista dessa pergunta, já que se relaciona com a ideia de colocar o texto como objeto central do ensino e valorizar os itens linguísticos inseridos em situações reais de uso.

QUESTÃO 30

Uma *playlist* comentada conta com texto de apresentação, que descreve ou relata algo envolvendo as produções em questão, e trechos apreciativos, que podem envolver argumentação, contemplando assim diferentes seqüências textuais. Além disso, supõe a produção de um roteiro e sua leitura oral/falada, o que requer observar a adequação da linguagem oral, tendo em vista as condições de produção dadas. Em termos de ações, práticas e procedimentos próprios da *web*, a produção de uma *playlist* comentada permite vivenciar o papel do curador: alguém que seleciona exemplares entre muitos, no caso músicas ou canções, a partir de algum critério, organiza-os de determinada forma e destaca, a respeito das canções escolhidas ou de seus autores ou executores, algo para comentar. Além disso, supõe a escrita de um roteiro e o manuseio de um editor de áudio. Pode também supor a disponibilização desse arquivo na internet, o que poderia ensejar ações de curtir e/ou redistribuir.

ROJO, R.; BARBOSA, J. P. *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. São Paulo: Parábola editorial, 2015 (adaptado).

No texto apresentado, mencionam-se algumas ações, práticas e procedimentos comuns em ambiente digital. Considerando que tais informações permitem que o trabalho do docente de Língua Portuguesa favoreça a reflexão sobre gênero discursivo e ambiente digital, avalie as afirmações a seguir, acerca do uso de *playlist* em sala de aula.

- I. Atividades de reescritura de seqüências textuais semelhantes ou diferentes voltadas para o uso podem enriquecer a compreensão do gênero *playlist* comentada.
- II. A análise da estrutura de uma *playlist* comentada favorece a abordagem de características que revelem as aproximações e os distanciamentos entre textos orais e escritos.
- III. A *playlist* comentada, enquanto recurso didático, permite a análise de diferentes tipos de argumentação utilizados em ambiente digital.

É correto o que se afirma em

- A II, apenas.
 B III, apenas.
 C I e II, apenas.
 D I e III, apenas.
 E I, II e III.

Figura 9: Questão 30.

Fonte: INEP 2017.

A questão acima provoca uma reflexão no acadêmico sobre o ensino de Língua Portuguesa diante do ambiente digital, pode-se observar, então, a aplicação do funcionalismo na teoria dos gêneros textuais. Logo, essa questão segue pressupostos da Linguística Funcional, ou seja, ela promove a interpretação do texto, fazendo com que o graduando consiga identificar que a resposta correta é alternativa E.

Finaliza-se aqui a análise das questões objetivas de conhecimento específico do ENADE, aplicado em 2017 para os cursos de Letras/Português-Licenciatura. Com isso, tornou-se nítido que ainda é feito o uso exclusivo da gramática tradicional no ensino, porém a teoria funcional vem ganhando espaço, já que o número de questões funcionalistas foi relativamente maior.

5. Considerações finais

De início, constatou-se que o ENADE, como um dos métodos avaliativos do Sinaes, é elaborado com intuito de avaliar a qualidade do Ensino Superior para aprimorá-lo e enriquecê-lo, conduzindo às instituições acadêmicas a executarem práticas de melhoria diante dos problemas apresentados. Ao contextualizar o percurso histórico da avaliação em pauta, torna-se perceptível a insistência do ensino da gramática tradicional nas questões analisadas, porém o crescimento significativo da linguística funcionalista ganhou peso no exame. Outra observação importante é que o ENADE não avalia exclusivamente os conhecimentos específicos profissionais, mas também os conhecimentos gerais, o que possibilita que o aluno demonstre seus conhecimentos prévios.

No que diz respeito à análise das questões, verificou-se que, apesar de o funcionalismo ser a abordagem ideal para se trabalhar no ensino de Línguas, ainda há resquícios da perspectiva formalista nos exames de caráter nacional, como, por exemplo, o ENADE; o que reforça a importância deste trabalho. Além disso, estudos como este são relevantes, pois o ENADE demonstra se o estudante adquiriu as habilidades propostas por cada curso para o exercício da profissão escolhida, refletindo no ambiente educacional e profissional brasileiro. Por outro lado, professores de Língua Portuguesa costumam utilizar as questões deste exame em suas atividades/ avaliações, sem ao menos desenvolver o pensamento crítico do estudante. Logo, este trabalho faz o aluno perceber que ele é capaz de realizar uma análise linguística, desenvolvendo, assim, a sua criticidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irlandé. *Muito Além da Gramática*: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2007.

BRASIL. (2004a). Ministério da Educação. *Portaria N° 2051*. Regulamenta os procedimentos de avaliação do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), instituído na Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004. Brasília: MEC.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; COSTA, Marcos Antonio; CEZARIO, Maria Moura. Pressupostos teóricos fundamentais. In: CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Linguística Funcional*: teoria e prática. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Ministério da Educação. *ENADE 2017 – Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes*. Disponível em: <<http://inep.gov.br/web/guest/educacao-superior/enade/provas-e-gabaritos>> Acesso em 07 set. 2019.

LIMA, Priscila da Silva Neves; etall. Análise de dados do Enade e Enem: uma revisão sistemática da literatura. In: *Revista Avaliação*, São Paulo, V. 24, n. 1, p. 89-107, abr. 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1414-40772019000100089&lng=en&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em: 09 set. 2019.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; KENEDY, Eduardo. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, Maria Angélica Furta-da; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Linguística Funcional: teoria e prática*. São Paulo: Parábola, 2015.

VERHINE, Robert Evan; DANTAS, Lys Maria Vinhaes; SOARES, José Francisco. Do Provão ao ENADE: uma análise comparativa dos exames nacionais utilizados no Ensino Superior Brasileiro. In: *Revista Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, Rio de Janeiro, V. 14, n. 52, p. 291-310, jul.-set. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/en-saio/v14n52/a02v1452.pdf>> Acesso em 09 set. 2019.